

Futuro da moeda única

PROFESSOR DA “SCHOOL OF ORIENTAL AND AFRICAN STUDIES” DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

“A consequência lógica desta crise é a saída do euro dos periféricos”

Costas Lapavitsas é um dos economistas da rede de investigação RMF que tem criticado a Alemanha defendendo a saída dos países periféricos da Zona Euro **RUI PERES JORGE**

Costas Lapavitsas é um dos responsáveis principais de dois relatórios que no último ano marcaram o debate sobre a crise europeia. Os trabalhos publicados na rede de investigação “Research on Money and Finance” alertaram, num primeiro momento, para a responsabilidade dos países do Norte da Europa, com destaque para a Alemanha, nos enormes desequilíbrios macroeconómicos europeus que conduziram à crise. Mais recentemente, em Setembro, um segundo relatório defendeu a possibilidade dos países do Sul saírem do euro e avancarem para um incumprimento de parte das suas dívidas. Os relatórios do RMF, pela profundidade técnica e por defenderem caminhos alternativos à tímida e descoordenada resposta europeia à crise, receberam atenção por toda a Europa. Com a crise, o pensamento alternativo tomou lugar ao centro e, nesta entrevista, Lapavitsas explica porque é que, na sua interpretação, a Zona Euro é insustentável.

A Zona Euro pode quebrar?

Grécia, Irlanda, Portugal e Espanha estão a sentir muitas, muitas dificuldades em manter-se dentro do euro e há uma forte possibilidade de um deles, ou mais, acabar por sair: por um lado, acumularam de dívidas enormes; por outro lado, a imposição de austeridade está a tornar a dívida mais difícil de pagar.

Incumprimento da dívida é desejável?

É praticamente inevitável, dado o volume de dívida.

Mas inevitável para os quatro países?

Eu não quero estar a generalizar. É certamente inevitável para a Grécia. E muito provavelmente para a Irlanda. Possivelmente também para Portugal e Espanha. Se algum incumprir, então será muito difícil a Portugal e Espanha não incumprirem. Até porque não seria justo que só os gregos e irlandeses pudessem aliviar o peso das suas dívidas.

Como é que estes países deveriam então agir?

Um incumprimento imposto pelos credores não será do interesse dos

países da periferia, pois não deverá baixar significativamente o volume de dívida, resultará em muito dinheiro pago aos bancos intermediários; e, muito importante, não deverá aliviar o peso da austeridade.

E se o incumprimento for liderado pelos países?

Neste caso, haveria uma cessação de pagamentos, de juros e dívida, até que se garantisse total transparência em relação às dívidas em causa. Neste momento, as dívidas nacionais são muito pouco transparentes: suspeito que existem grandes volumes de dívida odiosa ou nula [“odious”], ilegal e ilegítima. Os cidadãos têm direito de saber a composição da dívida, para poderem decidir o que deve ou não ser pago.

Que tipo de perdas seriam impostas aos credores?

Não sabemos. Isso só será possível saber depois das auditorias às contas públicas. Mas, para que os países periféricos possam recuperar, terão de incluir “haircuts” significativos. A Argentina e a Rússia, nos incumprimentos do final dos anos 90 início dos anos 2000, impuseram perdas na ordem dos 50% a 60%. Perdas deste tipo serão difíceis de sustentar dentro do euro.

Ou seja, um incumprimento dessa magnitude implicaria a saída do euro?

Sim, seria muito difícil dentro do eurosistema, particularmente porque os credores serão em grande parte bancos alemães e franceses.

E os periféricos ficariam melhor fora do euro porquê?

Grande parte do seu endividamento deve-se ao euro: os países perderam muita competitividade e isso significou a acumulação da dívida que os está a esmagar. Neste momento precisam de recuperar competitividade e reestruturar as economias para conseguirem crescer.

Alguns economistas defendem a quebra da Zona Euro em dois blocos: um à volta da Alemanha, possivelmente com a Áustria, Holanda e Finlândia; e o outro organizado em torno da França.

Acha que é viável?

A organização actual e as medidas que a Alemanha está a forçar tornam a Zona Euro insustentável. Alguma coisa terá de acontecer, seja a quebra total, uma recomposição do sistema para dois níveis, ou qualquer outra forma. Ainda não sabemos qual, mas uma coisa é clara: o bloco que irá emergir será organizado à volta da Alemanha. Não acho que a França tenha capacidade para liderar um outro bloco.

Então é mais provável uma saída do euro de um ou mais periféricos?

Essa é consequência lógica do que se está a passar. Os países periféricos estão quase sem escolha. Ou ficam no euro, o que significa dívida muito elevada, continuação da austeridade, e inexistência de perspectivas de crescimento por muitos anos. Ou optam por sair do euro e reestruturar a economia de forma a crescerem.

A Rússia e a Argentina receberem apoio do FMI. Nestes casos, o incumprimento seria muito provavelmente contra a vontade do FMI. É bastante diferente...

Não é fácil, concordo. Mas temos de ser claros: não há apenas um tipo de dívida. É por isso que precisamos de transparência e das auditorias. É claro que não vão fazer incumprimento a tudo: só esta atitude permite imediatamente ter uma atitude diferenciada face aos mercados e às instituições multilaterais. Se fizer um incumprimento contra dívida do FMI, o Fundo tem a opção de tornar muito difícil o acesso a crédito para o comércio internacional, o que seria uma penalização muito forte. Mas o FMI ainda não tem muita dívida dos países periféricos.

Um país pequeno decidir unilateralmente por um “default” ficaria estigmatizado perante os mercados...

Os mercados têm uma memória muito curta. A ameaça de exclusão é muito mais uma ameaça do que uma realidade. Na prática, os países já estão a ser excluídos. Se incumprirem em parte das dívidas, puserem as economias em ordem e começarem a crescer, então regressarão aos mercados muito antes do que se diz.



A ameaça de exclusão dos mercados após incumprimento é mais ameaça que realidade, defende

Um incumprimento da Grécia é inevitável. Da Irlanda provavelmente também. Se eles o fizerem, então será muito difícil a Portugal e Espanha não incumprirem.

Ou ficam no euro, o que significa dívida muito elevada, continuação da austeridade e inexistência de perspectivas de crescimento. Ou saem e reestruturam a economia para crescerem.

Os países periféricos deveriam avançar para um “default” juntos?

Idealmente deveriam ir juntos, pois multiplicariam o seu poder de negociação. Mas a realidade mostra que isso é muito difícil de fazer. Quando a crise ataca um dos países, os outros não dão qualquer apoio sério. Note-se, por exemplo, que quando a Irlanda estava a ser forçada a adoptar o pacote de resgate, foram Portugal e Espanha que a pressionaram a fazer isso ao lado da Alemanha. Se um dos países tivesse a coragem de avançar para um incumprimento, então talvez conseguíssemos actuações comuns entre os periféricos. A questão é qual avançará primeiro.

Porque é que os Governos não avançam?

A primeira razão são os elevados interesses do sistema financeiro. O incumprimento, e possivelmente uma saída do euro, significarão uma melhoria da economia, mas também problemas no sector financeiro. O sistema financeiro teria muito provavelmente que passar para controlo público. Isto é algo que os banqueiros e os credores não querem, e por isso apoiam a continuação da austeridade e das políticas actuais. A segunda razão é o medo e a inércia: medo de como um pequeno país poderá lidar com o facto de ficar sozinho, de deixar de estar integrado. Ora isto é falta de coragem por parte do poder político na periferia.

E porque é que não vê como possível uma solução intermédia, com um orçamento comunitário maior, e um sistema que inclua mais transferências orçamentais dentro da União que ajude à gestão da crise?

Não creio que seja possível. O euro é um dinheiro muito privado, gerido pelo BCE de forma muito privada. Foi criado essencialmente para servir os interesses dos bancos e empresas globais localizados na Europa. Isso é muito mais assim no euro do que no dólar. Em segundo lugar, o euro está estruturado no sentido de garantir os interesses da Alemanha e dos países do centro. Isto esteve escondido por muitos anos, mas a crise tornou-o muito, muito claro.